

Fernando Pessoa

## **Só uma coisa me apavora**

Só uma coisa me apavora  
A esta hora, a toda a hora:  
É que verei a morte frente a frente,  
Inevitavelmente.  
Ah, este horror, como poder dizer?  
Não lhe poder fugir! Não podê-lo esquecer!

E nessa hora em que eu e a Morte  
Nos encontrarmos  
O que verei? o que saberei?  
O que não verei? o que não saberei?  
Horror! A vida é má e é má a morte,  
Mas quisera viver eternamente  
Sem saber nunca, (...) e inconsciente  
Isso que a morte traz e (...)

Não me tenta o mistério  
Nem desejo saber  
O que é que vai do berço ao cemitério  
No ardor chamado viver.  
A verdade apavora-me e confrange,  
Perturba-me como a ninguém.

Que o tempo cesse!  
Que pare e fique sempre este momento!  
Que eu nunca me aproxime desse  
Horror que mata o pensamento!  
Envolvei-me, fechai-me dentro em vós

E que eu não morra nunca.

Odeio a vida, amarga-me e horroriza.

Mas a morte — oh a morte, velada  
O próprio horror dentro em mim paralisa  
Deixando a dor funda e estagnada.  
Horror! Horror! O tempo, oh vidas com vida!  
Mistérios menores onde esquecer  
Se pode a dor indefinida,  
Menos horrorosos porque não sabeis dizer  
Esse segredo que dito deveis trazer.

Não me deixeis morrer. . .

1-3-1909

Fausto — Tragédia Subjectiva. Fernando Pessoa. (Texto estabelecido por Teresa Sobral Cunha. Prefácio de Eduardo Lourenço.) Lisboa: Presença, 1988: 60.

1ª versão inc.: “Primeiro Fausto” in Poemas Dramáticos. Fernando Pessoa. (Nota explicativa e notas de Eduardo Freitas da Costa.) Lisboa: Ática, 1952 (imp.1966, p.135).